



PRIMEIRA CENA DE CONSTRUÇÃO INSTITUCIONAL: INCORPORATIO BABILÔNICO

Petar Bojanić *

Universidade de Belgrado

Universidade de Rijeka

bojanicp@gmail.com

RESUMO: A partir da exposição realizada na Dickson Poon School of Law do King's College London (2016/2017) pelo artista e professor alemão da Universidade de Bonn, Werner Gephart, propõe-se aqui análise da obra “*Produção babilônica de normatividade na Europa (2016)*”, em diálogo com “*A Torre de Babel*”, de 1563 do artista belga Pieter Bruegel, o Velho, ambas cotejadas com os textos religiosos com os quais dialogam, com vistas a compreender as analogias feitas pelo autor da obra com história atual da Europa, sua unificação e os seus tantos dilemas mais contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens – democracia – Europa

FIRST SCENE OF INSTITUTIONAL BUILDING: BABYLON INCORPORATIO

ABSTRACT: Based on the exhibition held at the Dickson Poon School of Law at King's College London (2016/2017) by the German artist and professor at the University of Bonn, Werner Gephart, we propose here an analysis of the work “*Babylonian production of norms in Europe (2016)*”, In dialogue with “*The Tower of Babel*”, from 1563 by the Belgian artist Pieter Bruegel the Elder, both collated with the religious texts with which they dialogue, in order to understand the analogies made by the author of the work with current European history, its unification and its many more contemporary dilemmas.

KEYWORDS: Images – democracy – Europe

No catálogo da exposição da Casa de Somerset, da Faculdade do Rei, em Londres, a pintura “*Produção Babilônica de Normatividade na Europa, 2016*” (Figura 2) pode ser encontrada duas vezes, e em cada uma delas, acompanhada de um texto

* Petar Bojanić é bacharel e mestre pela Universidade de Belgrado, tem mestrado pela EHESS (Paris) e doutorado em Paris 10. Lecionou nas universidades de Cornell, Aberdeen e Belgrado. Desde 2011, ele é diretor do Instituto de Filosofia e Teoria Social da Universidade de Belgrado. Autor de **Violence and Messianism: Jewish Philosophy and the Great Conflicts of the twentieth century**. Nova York, NY: Routledg, 2018. Membro da Rede de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo.

diferente e em diferentes fotografias. Werner Gephart adiciona alguns elementos ao retrato da Babilônia produzida por Pieter Bruegel (Figura 2), ou seja, Gephart usa da obra de Bruegel para a construção da sua própria e explica, no texto adjacente, o que ele alterou e por que ele adicionou cada elemento. De antemão, vamos considerar o texto bíblico sobre a Torre de Babel e o conhecimento do senso comum sobre ela.



Figura 1 – GEPHART, Werner. *Babylonia Poduction of Normativity in Europa* (with the help of Pieter Bruegel), 2016. **Fonte:** <https://ds.hypotheses.org/6143>. Acesso em 03/10/2020



Figura 2 – BRUGEL, Pieter, O Velho. A Torre de Babel. 1563. Óleo sobre painel de madeira. Dimensões, alt. 14 cm, larg. 155 cm. [Museu de História da Arte, Viena](https://www.museo-historia-arte.com/), Áustria. **Fonte:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Torre_de_Babel_\(Bruegel\)#/media/Ficheiro:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_\(Vienna\)_-Google_Art_Project_-_edited.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Torre_de_Babel_(Bruegel)#/media/Ficheiro:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_(Vienna)_-Google_Art_Project_-_edited.jpg). Acesso em 03/10/2020.

Olhemos, então, o versículo 3 do capítulo 11 do primeiro livro da Torá (*Bereshit*). O capítulo 11 de Gênesis, descreve o primeiro exemplar de um grande empreendimento arquitetônico humano. Ressaltamos aqui que, essa construção despertou a criatividade humana (na qual se destaca a de Bruegel, talvez a mais famosa) e que esse fragmento é um dos mais repetidos e interpretados da história do pensamento. Isso porque a destruição da Torre de Babel envolve um enigma nebuloso, ao que tudo indica, envolvendo um terrível vento que soprou e destruiu esse grande trabalho conjunto. Poderíamos nos perguntar, portanto, se essa empreitada, que se assemelha a ação divina da criação do mundo, falha precisamente por causa da tecnologia inadequada e do material pobre? Isso significa que a prontidão técnica e o equipamento de uma comunidade ou grupo determinam a força de sua compactação e sua duração? Ou pode, ainda, haver outras razões para o (in)sucesso?

Recordemos a passagem bíblica sobre a Torre de Babel, este é o texto do Cap. 11, versículos de 1 a 9:

- 1 Ora, a terra toda tinha uma só língua e uma só maneira de falar.
- 2 Partindo eles do oriente, acharam uma planície na terra de Sinear e habitaram ali.
- 3 Disseram uns aos outros: Vinde, façamos tijolos e queimemo-los bem. Os tijolos lhes serviram de pedra e o betume de cal.
- 4 Então disseram: Vinde, edifiquem para nós uma cidade e uma torre cujo cume toque no céu. Tornemos famosos o nosso nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra.
- 5 O Senhor, porém, desceu para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam.
- 6 Disse o Senhor: O povo é um e todos tem uma só língua. Começam a construir a torre; agora não haverá restrição para tudo o que eles intentam fazer.
- 7 Vinde, desçamos, e confundamos ali a sua língua, para que não entendam mais um ao outro.
- 8 Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra, e cessaram de edificar a cidade.
- 9 Por isso se chamou o seu nome Babel, porque ali confundiu o Senhor da língua de toda a terra e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra. (ALMEIDA, 2009, p. 16).

A tecnologia é condição primária (antes e acima de todas as outras) e, por isso, decisiva em qualquer ação conjunta potencial? Tal questão pressupõe alguns aspectos preliminares que estabelecem a ideia da primazia. Para aceitar tal ideia de que uma prática estabelecida deve ser continuamente alterada e corrigida, essa atividade deve geralmente ser reconfigurada e transformada. Isto é, se faz crucial mudar a maneira de fazer, mudar os meios e materiais. Essa mudança no desenvolvimento da atividade é o mais importante, e é necessário mostrar que **a)** não há esforço conjunto sem trabalho simultâneo de mudança e alteração da prática tecnológica estabelecida (um grupo está junto não apenas para que seus membros trabalhem juntos, mas também para que o trabalho em conjunto possibilite que os meios, os materiais e a tecnologia sejam continuamente modificados). **b)** Só a modificação conjunta do trabalho e das condições de trabalho tornam o mesmo uma ação institucional dirigida e permanente. **c)** Somente a ação institucional, ou seja, a atividade de acordo com o desenvolvimento e as conquistas tecnológicas pode ser denominada como ação e prática humana, e somente como tal pode competir com a criação ideal e imaginária (divina); E apenas depois com outras ações competitivas.

Para que um grupo seja apto a confirmar que está se comunicando e residindo juntos em um só lugar, ao que tudo indica, o plano “Vinde, edifiquem para nós uma cidade e uma torre cujo cume toque no céu”, a incorporação e o registro de um departamento de estudos “Tornemos famosos o nosso nome” é, de uma forma ou de

outra, precedida por uma forte consciência do grupo e sua prontidão “‘vamos’, ‘havah’, ‘havav’, em hebraico, Buber e Rosenzweig traduzem esta palavra para o alemão como ‘Auf’” para experimentar, para descobrir algo novo, para substituir a prática anterior por algo totalmente diferente. Ainda que a mistura de elementos (conteúdos, materiais, formas) seja certamente concomitante com a mistura e sobreposição de palavras e espaço de residência, acima de tudo o (in)sucesso em Babel é a união do grupo e sua manipulação conjunta de materiais. Vamos, então, assumir que este grupo descobre um “novo problema” ou “está resolvendo um problema antigo” de uma nova maneira (de qualquer forma, estamos lidando com invenção e nova tecnologia). Não há ação institucional sem novidade. Este encontro é precedido pelo fato de que o grupo é realmente um grupo de refugiados que se desloca de algum ponto, chegam a outro e já são possuidores de uma linguagem comum e uma fala (que se mantém como tal, guardada na memória, reiterada). Isso, por sua vez, mantém o grupo unificado ao longo de sua árdua jornada.

Quando os refugiados finalmente se encontram em uma planície e descansam de uma jornada incerta, antes do versículo 5, se desdobra um controle detalhado de documentos (identidade pessoal, licença de construção, certificação de aprovação da comunidade, aprovação geodésica, inspeção do projeto arquitetônico, inspeção do local, nome da empresa no registro transcendental, etc.). O grupo tem um único objetivo e, rapidamente, realiza pelo menos seis operações distintas (o autor deste capítulo está dividindo e colocando-as juntas aleatoriamente, embora a natureza da narrativa e da contagem as faça parecer temporalmente sequenciais): as três primeiras são simultâneas, (1) fala e compreensão mútua completa (“Disseram uns aos outros”), (2) encorajamento mútuo através da fala, usando o imperativo (“Façamos”), mobilização e prontidão dos indivíduos para manter a (auto-)consciência como membros de um todo maior, (3) a invenção de um novo tipo de edifício. As outras três ações simultâneas são, além do encorajamento mútuo e imperativo de se mover, (1) que se concentrem, cuidem e se movam em conjunto (“Edifiquemos para nós”), (2) intencionalidade coletiva e criação de um projeto de construção conjunta grandioso e (3) a criação de uma instituição (documentação, empresa), nomeada e, portanto, reconhecida como indivíduo independente. Claro, é totalmente perceptível que este grupo (notável no uso do pronome “nós”, no imperativo “façamos”) compreende indivíduos de diferentes gêneros e idades (uma pluralidade de *eus*), nenhum dos quais é de alguma forma distinto. Não

há nenhum membro especial, líder ou chefe deste grupo que se posicione acima dos outros de alguma forma ou repita os imperativos mais do que o resto. E o único objetivo desse grupo é que continue sendo um grupo (“para que não sejamos espalhados pela face de toda a terra”), mantendo sua identidade, seu próprio *eu*. Para que o grupo de refugiados continue unido, para que seja assegurada a pertença e a confiança no grupo, para que não se espalhe, ou seja, para que seja o que é, é necessário que todos juntos, de forma disciplinada, conduzam as atividades designadas (de forma disciplinada significa aprender juntos, produzir ciência ou um segmento da ciência – uma disciplina¹ – com trabalho conjunto). Somente se eles realizam essas ações juntos o grupo permanece um grupo e eles não se tornam dispersos.

A questão de saber se a aparência da instituição, a instituição da Europa como tal (Gephart diria “e façamo-nos um nome”), é precedida por certos atos ou ações ou certas manipulações cooperativas, ou de fato se a instituição como um grupo e “agente normativo” (Christine Korsgaard)² é precedida por certos modelos de grupo e fatos sociais, encontros, associações, são questões sofistas, mesmo que a filosofia seja necessariamente composta da prática (novamente muito disciplinada) de pensar tais perguntas e suas correspondentes respostas. Resta ainda outros dilemas: a cooperação precede ou é simultânea à instituição? A instituição é composta por normas constitutivas ou reguladoras e essas são de fato diferentes? A instituição é um jogo e, em caso afirmativo, de que tipo? Os princípios de justiça são separados para a instituição, o que significa que não devem ser confundidos com os princípios que se adequam aos indivíduos e suas ações em casos específicos (como Rawls³ teria em sua *Teoria da Justiça* de 1971)? Além disso, de que forma um grupo é incorporado e que tipo de ações documentais e políticas significam que uma instituição persiste e adia com sucesso seu inevitável fim e decadência (por que existe um fim e por que é inevitável)? Todos esses

¹ Werner Gephart escreve sobre disciplina e seu significado, *Geist der Disziplin*, em seu texto sobre a Grande Guerra, insistindo na importância da definição de disciplina de Weber. WERNER. Gephart, **Bilder der Moderne**. Studien zu einer Soziologie des Kunst-und Kulturinhalte, 1998, p. 95.

² Christine Marion Korsgaard é professora de Filosofia na Universidade de Harvard, cujos interesses acadêmicos principal estão em filosofia moral e sua história; a relação das questões da filosofia moral com as questões da metafísica, da filosofia da mente e da teoria da identidade pessoal; a teoria das relações pessoais; e na normatividade em geral. Nota do editor.

³ John Rawl (1921-2002) Em sua obra **Uma Teoria da Justiça** (1971), publicada no ano de 1971, Rawls utiliza o artifício da “situação inicial” ou “posição original” como base para construir sua ideia de justiça equitativa. Sendo assim, Rawls nos convida a imaginar a situação onde os indivíduos entram em cooperação social. Nota do editor.

dilemas já existem no testemunho da grande construção da Babilônia, onde um grupo, vindo de algum lugar, já está constituído, pois fala a mesma língua e viaja junto, está se deslocando.

A nova ciência ou o novo aprendizado (disciplina) ao qual esse grupo chega, no entanto, diz respeito ao tempo, a sua bem-sucedida duração e perseverança. Se, no início, não houver uma linguagem comum, confiança ou comunicação transparente, o grupo não se sustentaria para trabalhar em conjunto. Mesmo que trabalhem juntos e de uma forma inteiramente inovadora, sem um plano funcional (nos referimos a Europa), as chances de sucesso são pequenas. Considere agora que este grupo descobriu uma forma de conservar sua durabilidade e que o mesmo persistiu. É totalmente incerto se o seu destino é bem ou malsucedido: a história das grandes fantasias visuais sobre essas poucas linhas do *Bereshit* (o Início) nos mostra que esse trabalho, esse plano, essa instituição durou séculos antes de ser interrompida. Não é fácil concluir que nós, agora, como um grande grupo que veio de outro lugar e ocupou o mundo, temos de fato a mesma tarefa e estamos no meio de um grande esforço para nos institucionalizarmos como Europa, para não sermos dispersos e perecer.

Os versículos 8 e 9 descrevem como a intenção do grupo tende a se tornar cada vez maior deixando de lado as variações potenciais aqui oferecidas pelo hebraico). Ou seja, o local onde o grupo com a linguagem formada chegou de algum outro lugar, e onde ele se mudou e empreendeu este esforço conjunto, tornou-se na verdade um lugar de tagarelice e balbúcia (daí a palavra Babilônia). Ao construir uma cidade, o grupo pretende marcar esta ação com o seu nome, preservando-se assim num só lugar com o ato de nomear. Por outro lado, uma ação de alguma instância superior e dominante (O Senhor) anula o ato institucionalizado do grupo com sua própria intervenção e seu novo rótulo (“Por isso se chamou o seu nome Babel”). Acontece que a cessação repentina e brutal da teia de ações deste grupo, cujo objetivo era a resistência e a autopreservação conjuntas, significou que a unidade inicial geral de todos foi danificada de uma vez por todas (“A terra toda tinha uma só língua e uma só maneira de falar”). Por que e como isso é possível?

Um grupo de pessoas que por qualquer razão se desloca, ou seja, um grupo de refugiados, pretende criar uma *contra-instituição*: para fazer algo novo, contemporâneo e paralelo à instituição do cosmos e do mundo compreendido por uma instância superior, (neste caso *Yahweh*, *Elohim* ou *Adonai*). Contra, neste sentido, não carrega

teor de adversário, porque originalmente significava *paralelo*, *adjacente* ou *para* (na direção de algo, avançando em direção à instituição). O primeiro momento normativo, então, no sentido mais fraco possível da palavra (norma antes da própria norma, portanto, possivelmente chamado de *Kulturnorme*, seguindo Max Ernst Mayer que em 1903 fez uma distinção entre normas culturais e jurídicas)⁴ ou um momento institucional por excelência, pode ser encontrado em 11: 4, quando o grupo decide ter-se (ter identidade): “Então disseram [os membros do grupo]: Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo cume toque no céu. Tornemos famoso o nosso nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra”. Parece que esta nova instituição almeja para a instituição já existente uma aproximação ao céu, de onde (no versículo 5) “o Senhor desceu”. Também existe o perigo de disputa entre duas instituições, bem como de idolatria. Essas são interpretações padrão do futuro fracasso do grupo e sua grandiosa construção. Se fizermos uso dessa distinção quase esquecida entre as normas culturais e jurídicas, parece que esse gesto institucional realizado por nosso grupo poderia pertencer tanto à cultura (já que é um grupo que se torna um grupo, se desenvolve, é nutrido) e à normatividade (um ato que obriga todos os membros do grupo a permanecerem juntos no mesmo lugar). Para que o grupo tenha sua identidade (nome), para ser grande (o maior possível, “cujo cume toque o céu”), não é necessário que seja essencialmente diferente de outros grupos ou de uma instância já estabelecida (assim como nosso grupo). Como um grupo, assim como uma corporação, empresa, aliança de estados, está em competição (dimensionamento, cálculo) com outros grupos e culturas (como faz parte de um grande mercado, opulência), mas não necessariamente em conflito ou oposição com eles. Um grupo não exclui outros grupos ou culturas de agrupamentos, nem o grupo como *contra-instituição* deve ser destruído, como aconteceu com o grupo de maçons muitos séculos atrás.

Ainda assim, por que esse grupo, instituição ou *contra-instituição* foi destruído? Os versículos 5-7 descrevem a descida da instância superior e seu controle, seu testemunho e avaliação, descrição da parte ambiciosa de poderes extraordinários,

⁴ O termo Normas de cultura (*O Conceito das Normas de Cultura*) foi cunhado por Max Ernst Mayer em um livro de 1903, **Normas Jurídicas e Culturais** (Straftechliche Anhandlungen, Breslau, 1903). Este aluno de Jhering é mencionado também por Hasso Hofmann em **Recht und Kultur: Drei Reden** (Frankfurt am Main, Dunker Humblot, 2009, 40). Para nós, o capítulo que merece destaque é aquele em que Hofmann analisa a história da *Begriffspaars Recht e Kultur* e a emancipação do termo cultura (34 e depois) no direito e na filosofia, que começa com o livro **Cultur und Rechtsleben** de Wilhelm Arnold, publicado em 1865.

para não ser impedido em sua intenção e ações incomuns (tal descrição é um desafio desta instância superior para mostrar que é em todos os sentidos mais poderosa do que o grupo). O versículo 7 é a obra-prima do autor desta história: a instância superior, sempre se apresentando na primeira pessoa do plural (o poder sendo sempre apresentado como pluralidade em um, o verdadeiro nós, o soberano, Leviatã), mobiliza sua pluralidade com a mesma palavra com que o grupo se constituiu (“Vinde”), pretendendo tirar desse grupo sua a condição de instituição ou institucionalização: a linguagem (“Vinde, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entendem mais um ao outro”).

O resultado da intervenção desta instância superior (um ato genocida, visto que há uma intenção clara de destruir a coletividade de um grupo, ou seja, a conexão entre seus membros ou o que faz do grupo um grupo: linguagem, estrutura de construção, espaço vital, etc.) é que os indivíduos são novamente dispersos e colocados cada um por si ou em grupos mínimos.

Aqui estão alguns questionamentos. Este grupo, muito cooperativo e móvel, onde todos trabalharam entre si, esforçando-se em conjunto para executar um grande projeto - foi destruído porque ainda não estava suficientemente institucionalizado? Por exemplo, teria havido, talvez, um súbito aparecimento de corrupção e negligência que impedisse uma realização eficiente do projeto, atrasando-o? Foi destruído por ser uma *contra-instituição*, o que significaria que a ação institucional da instância superior não se preocupa (e trata forçosamente) do surgimento de qualquer instituição concorrente? Foi destruída porque o grupo partiu de suas terras, mudando de moradia, e começou, como refugiados em um território não nativo deles, a construção de uma estrutura mal aconselhada e ilegal, sem licença e documentação adequada? Foi destruída porque esta nova instituição era por si só injusta (más condições de trabalho, muitas mortes de trabalhadores, muitos benefícios para os indolentes)? Tanto Rawls quanto Scanlon⁵ falam de uma "instituição injusta", onde os indivíduos anunciam ou protestam contra a instituição, contra a desigualdade e a hierarquia, buscando equilíbrio e igualdade. Ou o

⁵ Thomas Michael “Tim” Scanlon é um filósofo americano, professor aposentado de Religião Natural, Filosofia Moral e Política Civil no Departamento de Filosofia da Universidade de Harvard, onde lecionava desde 1984. Ele foi eleito para a American Philosophical Society em 2018. Talvez, sua obra mais conhecida seja **O que devemos um ao outro** (Cambridge, Massachusetts: Belknap Press of Harvard University Press, 1998). Nota do editor.

grupo talvez tenha sido destruído pela quantidade de seus atos sociais negativos, ou seja, a crueldade e a falta de engajamento foram fatais?

Todas essas questões, dilemas e paradoxos se apresentaram diante de Werner Gephart quando ele precisou fazer uma descrição da Europa em comparação à Babilônia. Inicialmente, ele agregou alguns novos elementos. Primeiramente, vêm as principais instituições europeias, os edifícios principais, habilmente encaixados nas paredes dilapidadas de Bruegel. Assim, as instituições europeias ou a Europa tornam-se parte desta grandiosa ruína. Então, há dois destaques no canto superior esquerdo. O balão de ar quente com a bandeira britânica, expressando uma possibilidade de fuga, mas certamente se separando em protesto ou por insatisfação com a grande estrutura europeia em ruínas. Há ainda, um grupo de pessoas soltas que não faz mais parte do aglomerado, o que também é a forma de Gephart confirmar que certamente há algo saindo da monstruosa instituição europeia. Depois, há o canto inferior direito, a figura de Max Weber, ou seja, a instância que “observa criticamente a cena”, como escreve Gephart. Tanto Max Weber (provavelmente a instância dos teóricos sociais e jurídicos como “forma formadora da sociedade” [Simmel]⁶ ou talvez o leitor, ou mesmo o próprio autor, Werner Gephart) quanto o balão representando o Brexit são, no entanto, uma consequência ou reminiscência do grande caos normativo emanando do coração da torre em grandes ondas concêntricas que se assemelham a um grande alvo e se espalham em direção à periferia desta estrutura. No centro, encontramos o símbolo “§”. Assim, o parágrafo, §, “paragrafar” está no centro, uma pluralidade caótica de parágrafos minúsculos, colados nas paredes da fachada da torre. Por quê “§”? Qual é a intenção de Werner Gephart?

Parece que no curso da coordenação do trabalho conjunto e das regras de trabalho dos vários grupos, isto é, a coordenação das diferentes características das partes individuais de um mesmo grupo, surgiram certas irregularidades e anomalias. O parágrafo “§” representa a norma, ou seja, a capacidade normativa, e Werner Gephart pensa que na Europa o problema é recorrente. Além disso, leva à incerteza e à decadência da compactação deste grande grupo. É por isso que a Europa deveria ser representada, segundo ele, como a Torre de Babel em ruínas; mas ruínas que ainda

⁶ Para Georg Simmel (1858-1918) a formação da sociedade acontece quando os homens agem de forma recíproca. Assim sendo, a sociedade é constituída quando se unem forma e conteúdo. Pensamento presente em suas obras como: **Sociologia**: Estudios sobre las formas de socialización, Volumes 1 e 2. Buenos Aires, Compaliía Editora Espasa-Calpe Argentina SA, 1939. Nota do editor.

sobrevivem (ainda que como uma ruína), mesmo com chance insuficiente de verdadeira reconstrução e renovação. Visualmente, Gephart insere muitos parágrafos, “§” no grande corpo da estrutura europeia, o que significa muitas normas desarmonizadas e dispersas, que, na verdade, não estão em coesão e ordem (são intervalos sem conexão). Essa dispersão e excesso de normas, segundo Gephart, precede mal-entendidos de linguagem e separação e dispersão dos membros da grande família europeia. Gephart explica esta intervenção visual no texto que a acompanha: “(...) a produção não transparente de uma infinidade de normas jurídicas que se sobrepõem às culturas jurídicas nacionais (...) é inserida em um esquema abstrato do processo de não produção”. Variações na produção e não produção são certamente mais difíceis de entender do que as intervenções visuais. Assim, parece-nos que esta ação interpretativa de Werner Gephart pertence à família das tentativas muito bem-sucedidas de resolução da destruição da Torre de Babel (a grande obra conjunta de todos). O seu esforço, paradoxalmente, deixa esperanças de que o tempo da construção, o tempo do desenho institucional e da correção (da paragrafação) ainda estão por vir, e que os inimigos da Europa terão que esperar mais um pouco pelo fracasso final do projeto europeu. Max Weber, ou o nosso sábio do canto direito desta pintura, que “observa criticamente a cena”, é a verdadeira garantia de que isso ainda é possível.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Geográfica, 2009.
- ARNOLD. Wilhelm Christoph Friedrich. **Kultur und Rechtsleben**. Berlin: Dümmler, 1865.
- HOFMANN, Hasso. **Recht und Kultur: Drei Reden**. Frankfurt: Dunker Humblot, 2009.
- MAYER, Max Ernst. **Rechtsnormen und Kulturnormen**. Breslau, Schletter, 1903.
- RAWL, John. **A Theory of Justice**. Belknap, 1971.
- SCANLON, Thomas Michael. **What we owe to each other**. Cambridge, Massachusetts: Belknap Press of Harvard University Press, 1998.
- SIMMEOL, Georg. **Sociologia: Estudios sobre las formas de socialización**, Volumes 1 e 2. Buenos Aires, Compalía Editora Espasa-Calpe Argentina S. A, 1939.

WERNER. Gephart, **Bilder der Moderne**. Studien zu einer Soziologie des Kunst-und Kulturinhalte, 1998.

RECEBIDO EM: 09/09/2020

PARECER DADO EM: 30/10/2020



www.revistafenix.pro.br